

A AUTOBIOGRAFIA DE CARLOS MARIGHELLA

Ricardo José Sizilio*

RESUMO: O objetivo principal deste artigo é disponibilizar aos leitores um dos pouquíssimos textos escrito por Carlos Marighella sobre si. De forma complementar, abordaremos sucintamente alguns aspectos sobre a escrita do texto referencial e as possíveis motivações para Marighella ter viajado à China e à União das Repúblicas Socialistas Soviéticas no início da década de 1950. Nas sete páginas do manuscrito redigido no ano de 1954, em primeira pessoa e em espanhol, Marighella escreveu sobre a sua trajetória pessoal e partidária. Por estar salvaguardado no Arquivo Estatal de História Política e Social da Rússia, em Moscou, o conteúdo deste documento não é conhecido integralmente no Brasil. Diante disso, compreendemos ser importante difundir aos demais pesquisadores e interessados o que denominamos de autobiografia de Carlos Marighella.

PALAVRAS-CHAVE: Carlos Marighella; Autobiografia; Partido Comunista do Brasil.

The autobiography of Carlos Marighella

ABSTRACT: This paper aims to make available to readers a very rare text that Carlos Marighella wrote about himself. In a complementary way, some aspects about the writing of the referential text and the possible motivations for Marighella to travel to China and to the Union of Soviet Socialist Republics in the early 1950s will be succinctly discussed. In the seven pages of the 1954 manuscript, written in the first person and in Spanish, Marighella wrote about her personal and partisan trajectory. Because it is safeguarded in the State Archive of Political and Social History of Russia in Moscow, the content of this document is not fully known in Brazil. Given this, it is understood to be important to spread to other researchers and stakeholders what this paper names the autobiography of Carlos Marighella.

KEYWORDS: Carlos Marighella; Autobiography; Communist Party of Brazil

La autobiografía de Carlos Marighella

RESUMEN: El objetivo principal de este artículo es ofrecer a los lectores uno de los pocos textos escritos por Carlos Marighella sobre sí mismo. Además, iremos a abordar muy sucintamente algunos aspectos sobre la escrita del respectivo texto y las motivaciones posibles de Marighella por haber viajado a la China y a la Unión de Repúblicas Socialistas Soviéticas al inicio de los años 1950. En las siete páginas del manuscrito redactado en 1954, en primera persona y en castellano, Marighella escribió acerca de su trayectoria personal y partidaria. Debido a su salvaguarda en el Archivo Estatal de Historia Política y Social de Rusia, en Moscú, el contenido de este documento no es integralmente conocido en el Brasil. De hecho, comprendemos ser importante difundir a los demás investigadores e interesados lo que denominamos autobiografía de Carlos Marighella.

PALABRAS CLAVE: Carlos Marighella; Autobiografía; Partido Comunista de Brasil.

*Mestre pela Universidade Federal da Bahia. Atualmente é Doutorando em História pelo Programa de Pós-graduação em História da mesma Universidade. Contato: Av. Adhemar de Barros, s/nº, Ondina, CEP: 40170-110, Salvador-BA, Brasil. E-mail: ricardosizilio@yahoo.com.br. ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-6506-1486>.

Breves informações sobre a trajetória de Carlos Marighella¹

Nascido em Salvador, capital da Bahia, em 5 de dezembro de 1911, Carlos Marighella era o mais velho dos oito filhos de Maria Rita dos Santos, neta de africanos escravizados², e de Augusto Marighella, imigrante italiano radicado na Bahia. Augusto chegou ao Brasil na primeira década do século XX, possivelmente, buscando oportunidades de trabalho, assim como fizeram muito dos seus conterrâneos na segunda metade do século XIX. Maria Rita, que passou a adotar o sobrenome Marighella após o casamento, certamente carregava consigo a luta dos negros para se estabelecer em uma sociedade excludente que havia abolido a escravidão no mesmo ano de seu nascimento. O casal se estabeleceu na Baixa dos Sapateiros, região próxima ao centro administrativo de Salvador, caracterizada pelo “comércio varejista”, onde predominavam lojas que vendiam “artigos de segunda necessidade” (SANTOS, 2008, p. 49)³. A pobreza da cidade também caracterizava os lares da pouco abastada e comercial Baixa dos Sapateiros, no entanto, é bastante provável que a família do mecânico italiano tivesse uma condição social mais confortável do que as demais, devido ao fato de Augusto Marighella ser um profissional especializado, inclusive, habilitado a consertar navios.

Carlos, o primogênito de Augusto e Rita, iniciou o ensino secundário no Ginásio Carneiro Ribeiro, transferindo-se no 4º ano para Ginásio da Bahia, a única instituição pública deste segmento de ensino à época, onde concluiu o ensino secundário⁴. A escola, embora fosse mantida pelo Estado, cobrava algumas taxas, o que fazia com que seu público não fosse formado pela população mais pobre da cidade. Cabe ressaltar que no início do século XX não era comum os mais pobres frequentarem escolas no Brasil. De tal forma que no início da década de 1920 a Bahia tinha aproximadamente 80% de analfabetos (BRASIL, 1929), percentual muito próximo ao verificado no restante do país, em que a pouca instrução em níveis básicos era uma das suas características mais evidentes.

No Ginásio da Bahia, é provável que Carlos Marighella tenha se tornado conhecido entre uma parcela do corpo estudantil, em função de ter respondido em versos a uma prova de Física. Opcionalmente, Marighella estudou um ano a mais no ensino secundário, bacharelando-se em Ciências e Letras, o que lhe habilitou para a docência. Mesmo sem atuar em escolas formais, trabalhou como professor particular, concomitantemente ao período em que cursou Engenharia Civil na Escola Politécnica da Bahia, uma das poucas instituições de ensino superior do estado, que à época era privada.

No ano seguinte ao início do curso superior, em 1932, o então estudante de Engenharia conheceu o cárcere pela primeira vez, após participar junto com pouco mais de quinhentas pessoas, essencialmente estudantes, da ocupação da Faculdade de Medicina da Bahia contra a ruptura da ordem constitucional realizada por Vargas em 1930. Poucos anos depois, em 1934, Marighella foi advertido e suspenso do curso de Engenharia sob a suspeita de ter furtado provas e documentos da Politécnica e por ter se rebelado contra o inquérito que o investigava.

No mesmo ano em que foi impedido de frequentar o curso de Engenharia, Marighella ingressou no Partido Comunista do Brasil (PCB)⁵, do qual fez parte por mais de três décadas. Em 1934, a organização e a estrutura partidária dos comunistas na Bahia eram bastante incipientes, muito em consequência de o partido, que estava na ilegalidade, ter sido criado no ano anterior. Em seu estado natal, Marighella militou por pouco mais de um ano, chegando a ser um dos dirigentes estaduais do PCB, que contava à época com menos de duas dezenas de militantes em suas fileiras.

O futuro guerrilheiro se mudou para o Rio de Janeiro em 1935, onde continuou a realizar atividades do PCB. Em decorrência de sua atuação partidária, foi preso no ano seguinte, passando pouco mais de um ano encarcerado. Após ter sido torturado, a coragem de Marighella diante dos policiais foi exaltada por seus companheiros. Depois da sua libertação, em 1937, foi enviado pelo partido para atuar em São Paulo, porém, pouco tempo depois, em 1939, mais uma vez foi alvo da perseguição policial aos comunistas, sendo novamente cerceada sua liberdade. Em consequência, Marighella ficou aproximadamente seis anos detido em seu terceiro cárcere, sendo libertado em 1945, devido ao processo de abertura política que garantiu anistia aos presos políticos.

Após ter sido anistiado, Marighella, que ficou encarcerado durante grande parte da sua juventude, voltou à Bahia depois de quase dez anos. Na condição de dirigente nacional do PCB, aos trinta e três anos, concorreu ao cargo de deputado federal constituinte, tornando-se o primeiro comunista eleito na Bahia. Em aproximadamente dois anos, seja na Assembleia Constituinte ou na Câmara dos Deputados, o único deputado comunista da Bahia teve intensa atuação, realizando mais de 200 discursos. Todavia, os mandatos dos parlamentares comunistas foram cassados em janeiro de 1948, como consequência da extinção do registro partidário do PCB, em maio do ano anterior. Pouco tempo antes da cassação dos referidos mandatos, coube a Carlos Marighella, em agosto de 1947, a responsabilidade de dirigir a *Revista Problemas*⁶, tendo permanecido à frente do periódico de “cultura e política” do PCB até 1949.

Com a ilegalidade do PCB e as perseguições empreendidas aos comunistas no período da Guerra Fria, Marighella viajou, entre outros países, para China e para União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), onde conheceu aquelas experiências comunistas. Com o advento do golpe civil-militar no Brasil, em 1964, Marighella entrou em desacordo com os rumos do PCB, que lhe parecia incapaz de apresentar uma alternativa de organização para derrotar o regime autoritário vigente. No mês seguinte ao golpe, Marighella foi baleado em um cinema e preso. Após conseguir a liberdade, publicou no ano seguinte o livro *Por que resisti à prisão*, no qual aborda este encarceramento; questões de sua vida; da sua notória insatisfação com os rumos do PCB e, também, acerca da necessidade de se enfrentar o autoritarismo vigente à época.

Marighella conheceu de perto a experiência da Revolução Cubana, sendo que o fato de participar da Conferência da Organização Latino Americana de Solidariedade (OLAS), em 1967, foi determinante para a sua ruptura com o partido no qual militou por mais de três décadas. Em seguida, fundou a Ação Libertadora Nacional (ALN), que se tornou uma das principais organizações de resistência e combate à ditadura. Devido à sua história de luta, à publicação de livros que incentivavam a resistência e orientavam as ações táticas ousadas e desafiadoras, Marighella foi considerado o inimigo número um da ditadura. A essa altura, é certo que o fundador da ALN tinha plena consciência dos riscos que sua vida corria no país, optando, ainda assim, por permanecer no Brasil combatendo a ditadura de armas nas mãos, vindo a ser executado em uma emboscada no dia 4 de novembro de 1969.

De tanto que lutou e pela forma que foi executado, Marighella tornou-se, para muitos, um dos mais importantes heróis da esquerda brasileira, sendo difícil descrevê-lo nestas poucas palavras. Os que o veem como herói, compreendem, como disse José Murilo de Carvalho (1999, p. 55), que “heróis são símbolos poderosos, encarnações de ideias e aspirações, pontos de referência, fulcros de identificação coletiva. São, por isso, instrumentos eficazes para atingir a cabeça e o coração dos cidadãos”.

Posto isso, diante da relevância de Carlos Marighella para a história política brasileira no século XX, e por ele ser até hoje “ponto de referência” para tantas pessoas, entendemos ser importante compartilhar a sua autobiografia, escrita em 1954.

O documento e os motivos da viagem de Marighella à China e URSS

Por dever de honestidade intelectual é importante informar que o manuscrito que denominamos “Autobiografia de Carlos Marighella” não foi localizado por nós. Ao que tudo indica, o texto foi encontrado por Mário Magalhães (2012), autor da mais recente biografia sobre o comunista, já que a primeira citação deste documento foi feita pelo biógrafo. Embora já tivesse sido utilizado como fonte por aquele pesquisador, o acesso ao documento não foi dos mais fáceis. Para ter conhecimento do conteúdo da autobiografia tivemos que recorrer ao Consulado da Rússia no Brasil para intermediar o contato com Arquivo Estatal de História Política e Social da Rússia. Após isto, e com o pagamento de taxas, nos foi enviada a versão digital do texto que está naquela instituição. Em vista da complexidade que foi ter acesso a este documento, que não está arquivado no Brasil, e principalmente pela sua relevância, é que entendemos ser importante disponibilizá-lo integralmente aos demais pesquisadores e interessados no tema.

Como nosso objetivo principal é compartilhar a autobiografia, não analisaremos profunda e mais detidamente o conteúdo integral do documento. Todavia, cabe tecer algumas breves considerações sobre o caráter do texto. Na autobiografia de Carlos Marighella é possível identificar algo comum em quem produz um texto sobre si, que é “fixar um sentido em sua vida e dela operar uma síntese. Tal condensação, envolve omissões, seleção de acontecimentos a serem relatados e desequilíbrio entre os relatos” (ALBERTI, 1991, p. 78). Outro aspecto relativo à escrita de si, de um sujeito que “não é contínuo e harmônico”, é o “trabalho de ordenar, rearranjar e significar o trajeto de uma vida no suporte do texto”, o que faz com que tais produções se tornem “possíveis e desejadas, pois são elas que atendem à demanda de uma certa estabilidade e permanência através do tempo” (GOMES, 2004, p. 13-17).

Ademais, como afirma Ângela de Castro Gomes (ibidem, loc. cit), “a escrita de si assume a subjetividade de seu autor como dimensão integrante de sua linguagem, construindo sobre ela a ‘sua’ verdade”. Nesse sentido, a verdade “não mais se esgota em uma ‘verdade factual’, objetiva, una e submetida à prova (científica e/ou jurídica), que continua a ter vigência e credibilidade”, passando a “incorporar um vínculo direto com a subjetividade/profundidade desse indivíduo”. Assim sendo, a “verdade, não mais unitária, mas sem prejuízo de solidez, passa a ser pensada em sentido plural, como são plurais as vidas individuais, como é plural e diferenciada a memória que registra os acontecimentos da vida”.

Embora em um relato autobiográfico o sujeito produza a “sua verdade”, e mesmo que tenha crescido a valorização da subjetividade, isto não impede que aspectos do texto

referencial possam ser submetidos à verificação em paralelo a outra documentação, como defende Beatriz Sarlo (2007, p. 117). Para a autora, tal operação, carregada de limites, é complexa, pois os relatos “são os que se prestam menos abertamente a comparação com outras fontes”. Ainda de acordo com Sarlo, se por um lado não é mais possível prescindir do registro referencial, por outro, também não se pode deixar de problematizá-lo diante de interrogações que se abrem, sem perder de vista que a própria ideia de verdade é um problema.

Ainda que seja pertinente a operação de comparação com outras fontes, buscando perceber, por exemplo, as omissões e as seleções que Marighella fez em sua autobiografia, não nos deteremos, especificamente, a isto. Afinal, este não é o objetivo principal desse artigo. Por ora, nos interessa reconhecer o manuscrito de Marighella como autobiográfico, tendo em vista a sua notória pretensão em estabelecer um compromisso com a verdade ao refletir sobre seu passado. Nesse sentido, Phillippe Lejeune (2008) afirma que autobiografia é definida pelo pacto autobiográfico, ou seja, pelo o pacto de verdade entre o narrador e o leitor.

Posto isso, cabe abordar brevemente sobre alguns dos aspectos da escrita da autobiografia de Carlos Marighella.

Inicialmente, ressalte-se que não há como precisar os motivos que fizeram com que Marighella escrevesse sobre si. Como este documento está no Arquivo de História e Política e Social da Rússia, é possível especular que tenha sido solicitado à Marighella que fizesse um breve histórico da sua trajetória e atuação política, para que os membros do Partido Comunista na URSS tivessem uma noção mais precisa de quem se tratava. Destaque-se que Marighella não falava russo, e embora lesse em inglês, também não era fluente na língua anglo-saxônica (CHARF apud SILVA JÚNIOR, 1999, p. 208-210). Assim, é factível que as dificuldades em comunicar-se na Rússia tenham sido determinantes para que ele tenha redigido um texto sobre si.

Antes de ir à URSS e produzir seu relato, Marighella foi à China, como ele informa no texto. Na autobiografia, Marighella (1954) diz: “em 1953 fui mandado para a China e União Soviética para estudar junto com outros a experiência revolucionária de um e outro país”. Clara Charf⁷ (apud SILVA JÚNIOR, 1999, p. 208-210), companheira de Marighella, coaduna com esta informação, acrescentando que a viagem durou cerca de um ano, e que Marighella era quem chefiava a delegação de comunistas brasileiros que foi “fazer contato com o novo poder revolucionário de Mao Tsé-Tung”. No entanto, quinze anos após escrever sua autobiografia, em 1969, quando já havia rompido com o PCB, Marighella ao tratar de sua

viagem à China, em entrevista para a *Revista Front*, disse o seguinte: “Fui à China em 1953-1954. Foi o Partido que me mandou. Eu começava, na época, a contestar sua linha e era o mais forte candidato às eleições internas para o Estado de São Paulo. Então me afastaram por um tempo. Na China estudei a revolução” (MARIGHELLA, 1969)⁸.

Nota-se que o relato harmônico de 1954 é diferente das afirmações de 1969. Mais do que o aprendizado sobre as experiências revolucionárias, em 1969 Marighella afirma que sua ida àqueles países foi em retaliação à sua atitude de contestar a linha do partido. Embora Clara Charf ao rememorar aquele período não vincule estas viagens às retaliações do PCB contra Marighella, provavelmente por desconhecimento ou pelas possíveis flutuações da sua memória, a companheira do comunista dá indícios de que a ida dele ao exterior não foi planejada com antecedência, corroborando com a perspectiva apresentada em 1969. Nesse sentido, Clara Charf afirma que Marighella a informou que iria viajar faltando apenas um mês para a sua ida, sem mencionar para quais locais iria e pedindo-lhe ajuda para “treinar inglês” (CHARF apud SILVA JÚNIOR, 1999, p. 208-210).

A partir deste exemplo, percebe-se a pertinência da possibilidade de submeter o texto referencial à verificação com outra documentação, como afirma Beatriz Sarlo. Quanto às omissões sobre os motivos que de fato levaram Marighella à China e à URSS, entendemos que estas são plenamente justificadas. Afinal, tendo em perspectiva que o texto muito provavelmente foi direcionado ao Partido Comunista, não seria razoável que o comunista informasse que a sua ida ocorreu devido a divergências com a linha do partido no Brasil, como afirmado em 1969.

Ainda em relação às viagens, a versão de que a ida de Marighella ocorreu em função de divergências com o partido é corroborada por Jacob Gorender⁹, que militou com ele no início dos anos de 1950, em São Paulo. Em relação ao período imediatamente anterior as viagens, Gorender afirma:

Sob a direção de Marighella, o PC de São Paulo conseguiu se vincular aos operários nas fábricas e sindicatos, o que lhe permitiu organizar e dirigir, em 1953, uma passeata de cem mil pessoas de protesto contra a carestia, e a greve dos trezentos mil, na capital paulista. A pressão do PC em São Paulo era muito ampla e só não era mais ainda por causa da pressão sectária da Comissão Executiva Nacional (apud NOVA e NÓVOA, 1999, p. 395-396).

Embora possa ter certos exageros, o relato de Gorender indica que havia tensões entre a Executiva Nacional e o Comitê de São Paulo, comandado por Marighella. De acordo com Cristiane Nova e Jorge Nóvoa (ibidem, p. 70-72), estas tensões se deram em função da

conjuntura política do início dos anos de 1950, onde foram registradas inúmeras greves, sendo a mais emblemática a greve geral de 1953, em São Paulo. Para os autores, como as manifestações eram, sobretudo, por reivindicações salariais, estas foram inicialmente negligenciadas pela direção do partido, o que fez Marighella não seguir “à risca a política partidária”.

Segundo Nova e Nóvoa, no processo das greves de 1953 a direção do partido não apoiou “as bandeiras desse movimento de massa, exatamente pelo seu caráter espontâneo, autônomo e de ruptura com a burguesia nacional”. Para os autores, a participação de Marighella nos movimentos sociais de 1953, assim como na campanha “O Petróleo é Nosso”, fez com que ele se tornasse “a principal figura do partido em São Paulo”. Por isso, para conter “a influência de Marighella entre os setores mais radicais do partido e do movimento sindical como um todo, o PCB decide lhe endereçar a tarefa de ir representar o partido na China” (idem).

Quanto à importância da participação do PCB nas greves no início dos anos de 1950 e na campanha “O Petróleo é nosso”, além das mudanças nas formas de atuação dos comunistas nos sindicatos, é importante mencionar que este é um debate marcado pelo dissenso entre os autores que trataram destes assuntos. Não obstante a sua relevância, não enfrentaremos tais questões, porque objetivo principal deste artigo é apresentar o texto referencial de Marighella. De qualquer forma, independentemente de ter sido maior ou menor a inserção do PCB nos sindicatos, ou a importância da agremiação e de Marighella nas lutas sociais e dos trabalhadores no início da década de 1950, destaque-se que nesse contexto o PCB reformulou sua postura sindical, compreendendo ser necessário mais uma vez trabalhar no interior dos sindicatos, reestruturando assim as forças sindicais no partido. Assim, em 1952, o PCB mudou sua perspectiva de atuação dentro dos sindicatos, por isso, aparentemente, não havia divergências entre o Comitê Nacional e o Comitê de São Paulo. Sobre as mudanças de atuação nos sindicatos, em janeiro de 1953, o próprio Marighella escreveu um artigo para a *Voz Operária*, afirmando:

Dia a dia, em face do agravamento da situação, surgem novos movimentos da classe operária. Os trabalhadores querem lutar e lutam. Batendo-se pela conquista do aumento de salário e outras reivindicações. [Desse modo, a partir da resolução de 1952] É dever de cada comunista ingressar em seu sindicato, tornar-se ativo militante sindical e não poupar esforços para convencer as massas trabalhadoras da necessidade de entrarem para os sindicatos (MARIGHELLA, 1953).

Como em 1969 Marighella afirmou que seu posicionamento era contrário às diretrizes da direção do partido, sendo este o motivo para sua ida à China e à URSS em 1953, é provável que estas divergências não tivessem relação com a política sindical do partido ou não estivessem apenas vinculadas a isto, como é comumente afirmado. A análise da sua autobiografia possibilita suspeitar que as divergências com o Comitê Nacional estivessem ligadas à linha política geral do partido e a possíveis críticas ao Manifesto de Agosto de 1950, no curso dos debates preparatórios para o IV Congresso do PCB, ocorrido em 1954. Afinal, em sua autobiografia Marighella (1954) escreveu:

Em 1950, mudamos de orientação e fomos à esquerda com o Manifesto de Agosto. [...] Quando reconhecemos as fragilidades do Manifesto de Agosto e seus erros na questão da burguesia nacional, etc., eu participei da discussão do novo Programa. Em 1953 fui mandado para a China e União Soviética.

Em seu relato, que contém omissões e seleções e que fixa um sentido em sua vida e dela opera uma síntese, Marighella escreve sobre sua ida à China imediatamente após abordar as discussões para a criação de um novo programa para o partido. Isto pode indicar que foi este o motivo das tensões entre ele e os demais membros da direção do PCB. Posicionamentos divergentes entre a direção e base do partido não eram incomuns, embora as divergências raramente fossem publicizadas, além de ocasionarem punições aos descontentes. Nesse sentido, Frederico Falcão (2012, p. 154-155) afirma que mesmo havendo a “vigilância revolucionária”, em 1952 escaparam “algumas poucas manifestações de descontentamento ou rebeldia política” entre os membros do PCB, demonstrando a “existência de estremecimento na férrea coesão partidária”. Por conta desses descontentamentos, em fevereiro daquele ano, o Comitê Nacional do PCB expulsou o dirigente e ex-deputado José Maria Crispim por criticar “as linhas básicas do Manifesto de Agosto, propondo uma política de aproximação com os trabalhistas”.

A expulsão de Crispim já era dada como certa no início de fevereiro daquele ano por jornais da grande imprensa do Rio de Janeiro, como *A Noite e Tribuna da Imprensa*. Segundo *A Noite* (DIVERGIRAM, 1952), “havia uma grave crise” no PCB por conta da divergência “da orientação imprimida ao partido por Luis Carlos Prestes”. De acordo com a matéria, esta crise teve como consequência a expulsão de Crispim, de Luiz Rollemberg e de Carlos Marighella, “além de outros elementos influentes”, que estariam encabeçando “um movimento comunista nacionalista, contrariando as ordens de cima do partido”. Como sabemos, Marighella não foi expulso do PCB naquele momento, ao contrário de José Maria

Crispim. Assim, se por um lado não se pode negar a possibilidade de os periódicos estarem mal informados sobre a situação interna do partido, ou mesmo que estas matérias objetivavam criar maior instabilidade no seio da agremiação que atuava na ilegalidade, por outro, as reportagens apontam como sendo grande a probabilidade de que Marighella tinha posições conflituosas com o Comitê Nacional do PCB em 1952, não sendo expulso por conta disso, mas enviado à China e à URSS no ano seguinte.

De qualquer maneira, tendo como perspectiva a hipótese de que as posições de conflito de Marighella com a direção do PCB se vinculavam com a linha política geral do partido, é certo que estas não foram exteriorizadas, sendo possível que o comunista tenha feito sua “autocrítica” para o Comitê Nacional, o que lhe gerou como “punição”, em 1953, apenas o seu afastamento por um tempo. Posto isto, nota-se que a análise da autobiografia de Marighella em paralelo a outra documentação, fazendo a crítica interna e externa dos documentos, possibilita novas interpretações acerca da história da agremiação e do personagem.

Para além das possibilidades sobre o que motivou Marighella a realizar essa viagem, cabe destacar, ainda, que não há maiores informações sobre o período em que ele esteve na China e URSS. Na busca por dirimir isto, pesquisamos na *Voz Operária*, jornal do PCB, artigos escritos por Marighella ou por outros comunistas sobre esta viagem, a fim de encontrar notícias sobre as impressões e experiências vivenciadas por ele. Porém, neste periódico não há qualquer menção a respeito¹⁰. Da mesma forma, no prontuário policial de Marighella não há anotações que abordem esta viagem, ainda que a polícia mantivesse constante observação sobre os passos do comunista (HISTÓRICO, 1969).

Portanto, são pouquíssimas as informações a respeito do que Marighella experienciou nesta viagem. Em sua autobiografia, o comunista simplesmente afirma que na China aproveitou para estudar aquela experiência revolucionária. Além disso, Clara Charf (apud SILVA JÚNIOR, 1999, p. 208-210) informou que naquele país Marighella contraiu pneumonia, o que lhe fez ser internado. Pelas dificuldades com a língua, Marighella produziu um dicionário para se comunicar com as enfermeiras, sendo este apreendido pela polícia brasileira anos mais tarde. Já sobre o período em que esteve na URSS, Charf apenas afirma que o comunista continuou seu tratamento contra a pneumonia no país. Por fim, Carlos Augusto Marighella (MARIGHELLA, 2012), filho do comunista, informa que ele trouxe da URSS um gravador de voz, utilizado para gravar novelas a fim de entreter o filho. Por todo o exposto, percebe-se o quão difícil é percorrer a trajetória de alguém, já que os documentos

“não nos informam acerca dos processos de tomadas de decisões, mas somente acerca do resultado destas”, o que “leva muitas vezes a explicações monocausais e lineares” (LEVI, 2006, p. 167-173).

A autobiografia de Marighella¹¹

Tenho 42 anos e minha companheira é filha de judeus russos. Meu pai é um trabalhador italiano que migrou da Itália para o Brasil. Minha mãe era filha de escravos africanos. Tenho irmãos e irmãs que são trabalhadores e empregadas. Mas meu pai me mandou para a escola e estudei na escola secundária, fazendo o curso completo, como um dos primeiros alunos da sala. Depois, ingressei no curso superior, estudando na Escola Politécnica, faculdade superior dos estudos de Engenharia Civil em meu estado natal, a Bahia. Depois de completar a maior parte do curso, fui afastado da Escola como punição, depois de um inquérito que a direção da Escola mandou fazer. Isso foi em 1934, quando eu tinha 22 anos. Eu participava da Federação Vermelha dos Estudantes e liderei uma série de movimentos na Escola, motivo pelo qual fui afastado. Em seguida, transformei a Federação Vermelha dos Estudantes em Sindicato dos Estudantes. Logo fui recrutado pelo Partido e ingressei em uma célula de trabalhadores de tecido¹².

Neste período, organizei células do Partido entre os trabalhadores do porto da Bahia, entre os trabalhadores do serviço de trens da cidade, entre os padeiros, etc., chegando a ser secretário do partido, tendo, também, organizado a Juventude Comunista. Em 1935 me mudei para o Rio de Janeiro e trabalhei na Comissão Especial da Comissão de Organização do C.C. [Comitê Central]. Essa Comissão Especial estava incumbida de fazer comunicações marítimas, com os jornais ilegais e com as casas ilegais da Direção. Nesse trabalho ilegal, fui preso em 1936 pela Polícia, quando tentava dar um telefonema na casa de um companheiro, que eu não sabia que havia sido preso naquela madrugada. O país estava então sob o terror policial, que tinha sido implantado depois da derrota da Insurreição de 1935. Na Polícia Central e na Polícia Especial fui torturado e espancado por três semanas para que confessasse o local do jornal, mas em face das negativas fui depois levado para a detenção. No ano seguinte, 1937, o país entrou no período eleitoral, o movimento das massas havia crescido e a polícia teve que soltar muitos presos. Empregando meios jurídicos (habeas-corpus), o Partido conseguiu que eu e outros tivéssemos¹³ a liberdade. Em seguida, apesar de estar em liberdade, o Tribunal de Segurança Nacional me condenou a dois anos e meio de

prisão. A Direção do Partido me enviou então para São Paulo, para, como secretário de propaganda do Comitê Regional, ajudar a combater o fracionismo trotskista de Hilio Mana, Sachetta e Barreto. Nossa luta contra os trotskistas conduziu para que recuperássemos o partido, dividido por eles. A cabeça do C.C. [Comitê Central] estava com Bangú (Lauro Reginaldo da Rocha), que seguia a linha de capitulação à burguesia. Era o momento em que o partido fazia a luta com a burguesia pela indústria pesada (siderurgia). Nesse período, fui denunciado pelos trotskistas e preso em São Paulo. Novamente fui condenado pelo Tribunal de Segurança Nacional, dessa vez a cinco anos, sendo deportado para a Ilha de Fernando de Noronha (campo de concentração de prisioneiros políticos, a 300 milhas [483 km] de distância do Continente). O Brasil estava sob o Estado Novo de Vargas. Na cadeia havia uma grande divisão entre nossos camaradas, por causa da traição do antigo secretário do Partido, Miranda. Por sua vez, Rodolfo Ghioldi, também preso em Fernando de Noronha, tinha uma posição¹⁴ de alinhamento com as questões dos prisioneiros, para não prejudicar sua transferência à Argentina e depois sua liberdade, pois havia terminado sua condenação. Em 1942 todos os presos haviam sido levados de Fernando de Noronha para outra ilha, de nome, Ilha Grande. Isso ocorreu porque o país estava para romper relações com as potências fascistas, e a Alemanha ameaçava ou podia ameaçar a Ilha de Fernando de Noronha, indicada pelos americanos como base para atividade do exército dos Estados Unidos. Na Ilha Grande, em 1942, chegaram os camaradas que estavam exilados na Prata e que tinham tomado a posição política de apresentar-se ao governo brasileiro para lutar contra o nazismo. Estes camaradas (Antonio Tourinho, Davi Capistrano, Pedro Mota Lima e pessoas ou senhores como Costa Leite etc) apoiavam o governo Vargas incondicionalmente para se fizesse a União Nacional contra o fascismo, na guerra contra a Alemanha, Itália e Japão. Eles diziam que estavam orientados por Codovilla e Ghioldi, e atacavam a organização do Partido¹⁵ existente fora da prisão. Entramos em divergência com parte dessas pessoas, ficando Costa Leite, Mota Lima, Morena, Bangú Domingos Brás e outros de um lado, e eu, Tourinho, Capistrano, Agildo Barata, Agliberto e outros de outro lado. Porém, eu havia também recusado manter ligações com a organização do Partido de fora da cadeia, enquanto na cadeia estávamos divididos em dois grupos. Costa Leite, Mota Lima, Bangú, Morena, etc. estavam em ligação com Fernando de Lacerda que pregava o liquidacionismo do partido e eram liquidacionistas. Ocorre que, apesar de ter rompido com Costa Leite, Bangú, Molares, Caetano Machado, Honório de Freitas Guimarães, etc., na cadeia, nós, e eu incluso, nos negávamos a reconhecer a organização exterior do Partido. Essa condição era também uma

posição liquidacionista. Em 1943 fui eleito, pela primeira vez, para o Comitê Central, e como tinha uma posição de não reconhecer a organização do Partido fora da cadeia, não tomei conhecimento de minha eleição ao¹⁶ Comitê Central, quando me encontrava no cárcere. Em 1945 houve a anistia sob a pressão das massas e eu, depois de ter cumprido sete anos da sentença do Tribunal de Segurança, fui libertado. Logo entrei em contato com o Partido e procurei fazer autocrítica da minha posição anterior, porém tinha muito pouca ideologia para fazê-la como se devia. Em 1945 fui eleito deputado parlamentar. Nosso partido seguia então uma linha de colaboração de classes, e nosso C.C. [Comitê Central] seguia o revisionismo do marxismo. Por falta de ideologia, era ainda muito difícil, para mim, sentir esses erros. Porém, em 1947, fui cooptado para o Bureau político. Em 1948 trabalhei no secretariado do C.C. [Comitê Central] como secretário de propaganda e segui até 1949, quando fui transferido para São Paulo, na cabeça do Comitê Regional. Em 1950, mudamos de orientação e fomos à esquerda com o Manifesto de Agosto. Em consequência, eu, que estava inteiramente de acordo com o Manifesto de Agosto, apliquei em São Paulo uma orientação de esquerda, porém, algumas vezes¹⁷ caindo na direita. Quando reconhecemos as fragilidades do Manifesto de Agosto e seus erros na questão da burguesia nacional, etc., eu participei da discussão do novo Programa. Em 1953 fui mandado para a China e União Soviética para estudar junto com outros a experiência revolucionária de um de outro país¹⁸.

Moscú, 26/5/1954

Carlos Marighella

Considerações finais

Para concluir, entendemos ser relevante abordar, ainda que sucintamente, outras duas informações apresentadas por Marighella em sua autobiografia, o que reforça a importância do documento. Em seu texto referencial, Marighella trata de questões importantes da sua vida, rememorando, por exemplo, o fato de ter sido impedido de frequentar a Escola Politécnica da Bahia, em 1934. Isto ocorreu em função de dois processos administrativos, por ele ter sido acusado de ter participado, em dezembro de 1933, do furto e destruição de documentos da faculdade, entre os quais, provas e cadernetas de notas, e por ter distribuído panfletos que tratavam do primeiro caso, considerado pela comissão de inquérito desrespeitosos com o corpo docente. Como não havia comprovação da participação de Marighella no furto e destruição dos documentos, apenas indícios, ele foi advertido por ter sido considerado desrespeitoso com os professores ao longo do inquérito. Tendo sido já advertido, no

juízo pela distribuição dos panfletos, Marighella foi suspenso por três meses da faculdade, mas ficou afastado da Politécnica no ano de 1934, porque já havia passado o período para se matricular, não retornando para concluir o curso de Engenharia Civil¹⁹.

Ao longo dos processos, Marighella não assumiu sua responsabilidade em relação ao furto e destruição dos documentos da Politécnica, assim como pela redação dos panfletos, informando apenas que foi um mero distribuidor. Quanto aos boletins, a comparação do seu conteúdo com os interrogatórios de Marighella ao longo do processo indica a grande probabilidade de que ele tenha sido o redator do texto, ou pelo menos um dos redatores. Se a confissão de culpa não ocorreu durante o inquérito, esta foi feita vinte anos após a suspensão, em sua autobiografia. É provável que este tenha sido o primeiro documento em que Marighella assumiu suas responsabilidades pelo ocorrido em 1934. Nele, o comunista escreveu que foi afastado da Politécnica por ter “liderado uma série de movimentos na Escola”, informando ainda que naquela época participava da “Federação Vermelha dos Estudantes”, o que indica a sua possível aproximação com o comunismo, sendo que sua entrada no PCB ocorreu em 1934, após ter sido suspenso da Politécnica.

A outra questão tratada na autobiografia, que abordaremos para finalizar este texto, diz respeito à eleição de Marighella como membro do Comitê Nacional do PCB, em 1943, quando o partido foi reorganizado. Em seu texto, Marighella diz ter “recusado manter ligações com a organização do partido fora da cadeia”, por isso não tomou conhecimento da sua eleição, apenas após a anistia, em 1945, quando fez autocrítica da sua “posição anterior”. Marighella ainda acrescenta que embora tivesse divergências com parte dos que foram denominados de liquidacionistas e que não fizesse parte do grupo, seu posicionamento dentro da prisão era o de não reconhecer a organização do partido, o que acabava por ser “também uma posição liquidacionista”. Todavia, Jacob Gorender (apud NOVA e NÓVOA, op. cit., p. 395-396), ao abordar a entrada de Marighella no Comitê Nacional em 1943, afirma que ele ao receber a comunicação de sua eleição, ainda na prisão, recusou o cargo porque “defendia uma concepção de partido que unisse várias tendências de esquerdas [...] e que fosse mais amplo”, mesmo viés defendido por Caio Prado Jr. e pelo Comitê de Ação. Ainda segundo Gorender, o fato de Luis Carlos Prestes ter aceitado o cargo de secretário-geral do PCB, assim como a pressão dele por meio de seus representantes, fez com que Marighella mudasse de posição e se reintegrasse ao partido, devido à grande admiração que o baiano tinha por Prestes.

Nota-se que sobre a mesma questão há versões conflitantes, sendo uma delas apresentada por Marighella em seu texto referencial. Independentemente da divergência, a

mencionada rejeição de Marighella ou a falta de conhecimento da sua eleição para o Comitê Nacional aponta os limites e a complexidade de se percorrer os caminhos de alguém, tendo em perspectiva que algumas perguntas invariavelmente ficarão sem respostas. Dito isso, compreendemos que ao disponibilizarmos integralmente o manuscrito escrito por Marighella, novos temas, problemas e análises poderão ser trabalhados por outros pesquisadores, enriquecendo as discussões sobre este importante personagem da história republicana brasileira.

Anexos

170 Kapuc Marighella 6x380
108

1912, p.
Tengo 42 años completos y mi compañera es hija de judíos rusos. Mi padre es un obrero italiano que ha emigrado de Italia a Brasil. Mi madre era hija de esclavos africanos. Tengo hermanos y hermanas que son obreros y empleadas. Pero mi padre me ha mandado a la escuela y he estudiado en la escuela secundaria haciendo el curso completo como uno de los primeros alumnos ^{de la clase,} y después he ingresado en la instancia superior, indo al estudio en la Escuela Politécnica, facultad superior del estudio de ingeniería civil in mi estado natal, Bahia. Después de completar la mayor parte del curso he sido alejado de la Escuela, como punición después de un inquerito mandado hacer por la dirección de la Escuela. Esto ha sido en 1934 quando yo tenía 22 años. Entonces participava de la Federación Roja de los Estudiantes y he liderado una serie de movimientos en la Escuela, motivo por el cual he sido alejado. He transformado en seguida la Federación Roja de los Estudiantes en Sindicato de los Estudiantes. Luego he sido reclutado al Partido y he ingresado en una célula de trabajadores de tejidos.

109

2

En este periodo ^{hey} organizado celulas del Partido entre los trabajadores del puerto de Bahia, entre los trabajadores del servicio de tramways (tranvias) de la ciudad, entre los panaderos, etc. y hey llegado a ser el secretario del Partido, habiendo tambien organizado la juventud comunista. En 1935 hey sido trasladado a Rio de Janeiro y hey trabajado en la Comision Especial de la Comision de Organizacion del C. C. Esta Comision Especial era incumbida de hacer ligaciones maritimas, ligaciones con la prensa ilegal y con las casas ilegales de la direcion. En este trabajo ilegal hey sido preso ^{en 1936} por la policia, cuando procuraba hacer ligacion en casa de un camarada que yo no sabia haber sido preso en aquella madrugada. El país estaba entonces bajo el terror policiaco, que ha sido implantado despues de la derrota de la insurreccion de 1935. En la Policia central y en la Policia Especial hey sido torturado y espancado por 3 semanas para que confesase el local de la prensa, pero en face de las negativas hey sido despues llevado a la Detencion. El año siguiente ¹⁹³⁷ el país ^{ha} entrado en el periodo electoral, el movimiento de masas ha crecido y la policia tuvo que soltar muchos presos. Empleando medios juridicos (habeas-corpus), el Partido ha conseguido que yo e otros tuviesen

3

110

la libertad. En seguida, apesar de que estaba en libertad, el Tribunal de Seguridad Nacional me ha condenado a 2 años y medio de prision. La direccion del Partido me ha mandado entonces a San Pablo para, como secretario de propaganda del Comité Regional, ~~ayudara~~ ~~para~~ combatir el traicionismo trotskista de Hilio Mana, sacheta y Barreto. Nuestra lucha contra los trotskistas ^{ha} conducido a que recuperásemos el Partido, dividido por ellos. A cabeza ^{del C.C.} del Partido estaba Bangú (Osorio Reginaldo da Rocha) que seguía una línea de capitulacion a la burguesia. Era el momento en que el Partido hacia con la burguesia la lucha en defensa de la industria pesada (siderurgia). En este periodo yo he sido denunciado por los trotskistas y preso en San Pablo. Nuevamente he sido condenado por el Tribunal de Seguridad Nacional, de esta vez a 5 años, y he sido deportado a la Isla de Fernando Noroña (campo de concentracion de prisioneros politicos, a 300 millas distante del continente). El Brasil estaba bajo el "Estado Nuevo" de Vargas. En la cadena habia una grande division entre nuestros camaradas, por causa de la traicion del antiguo secretario del Partido, Miranda. Por su vez, Rodolfo Ghioldi, también preso en Fernando Noroña, tenia una posicion

4

111

de alejamiento de las cuestiones de los prisioneros, para no perjudicar su transferencia a Argentina y después su libertad, pues había terminado su condena. En 1942 todos los presos han sido llevados de Fernando Noroña a otra isla, de nombre Isla Grande. Esto se ha dado porque el país ^{estaba para romper} ~~había~~ relaciones con las potencias fascistas, y Alemania ^{o podía amenazar} amenazaba la Isla de Fernando Noroña, indicada por los americanos como base para actividad del Ejército de Estados Unidos. En la Isla Grande en 1942 llegaron camaradas que estaban en Plata exilados y que habían tomado la posición política de presentarse al gobierno brasileño para luchar contra el nazismo. Estos camaradas (Antonio Tourinho, Davi Capistrano, Pedro Mota Lima y personas o señores como Costa Leite, etc.) apoyaban el gobierno Vargas incondicionalmente para que se hiciese la unión nacional contra el fascismo en la guerra contra Alemania, Italia y Japón. Ellos decían que estaban orientados por Codovilla y Ghioldi y atacaban la organización del Partido

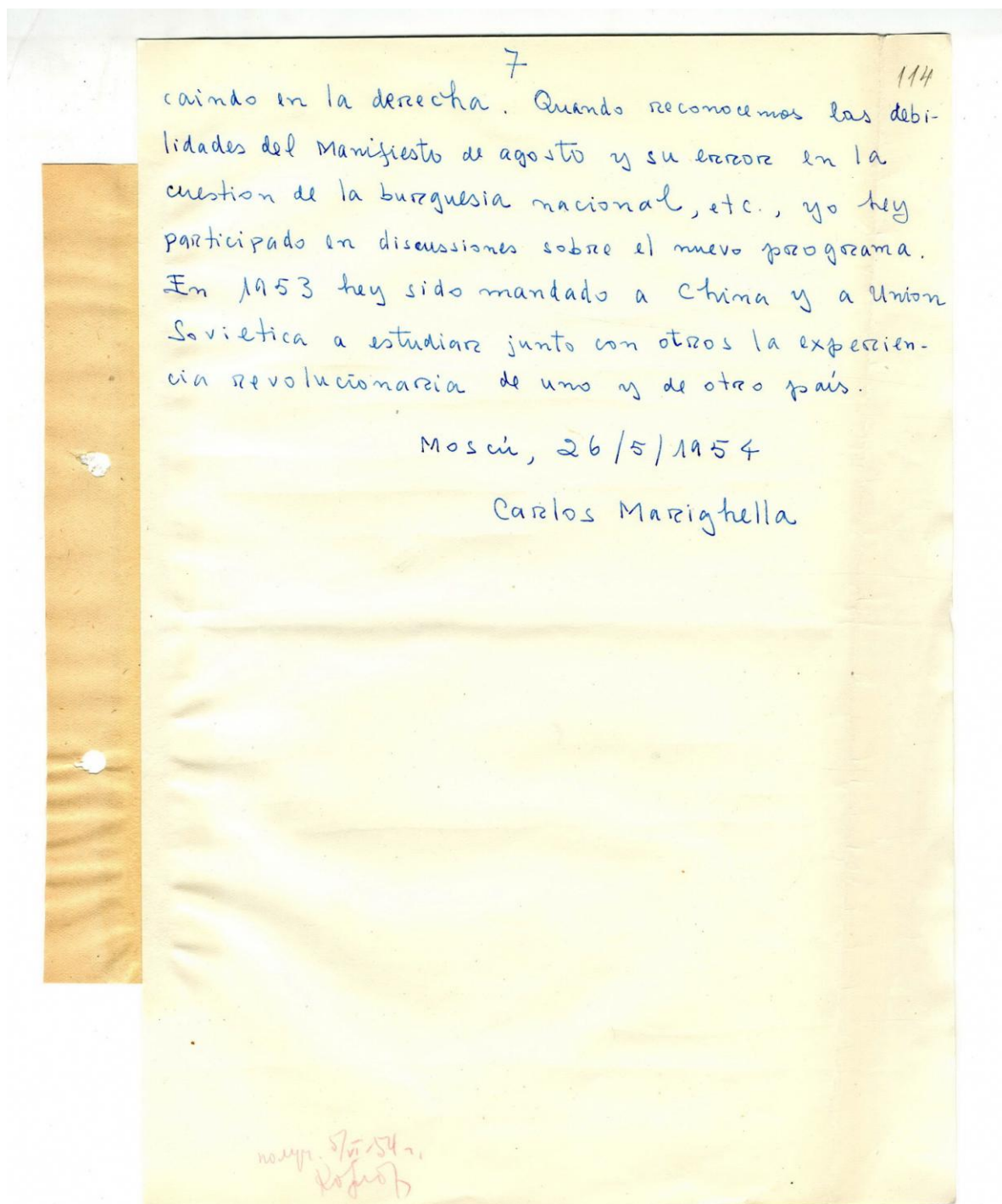
5

112

existente fuera de la prisión. Hemos entrado en divergencias con una parte de estos elementos, se quedando Costa Leite, Mota Lima, Morena, Bangú, Domingos Brás y otros de un lado, y yo, Tourinho, Capistrano, Agildo Barata, Agliberto y otros de otro lado. Pero yo hej también recusado a mantener ligaciones con la organización del Partido fuera de la cadena, enquanto en la cadena estávamos divididos en 2 grupos. Costa Leite, Mota Lima, Bangú, Morena, etc. estaban en ligación con Fernando de Jacerda que pregava el liquidacionismo del Partido y eran liquidacionistas. Resulta ~~que~~ que, apesar de romper con Costa Leite, Bangú, Molares, ~~etc~~ Caetano Machado, Honório de Freitas Guimarães, etc. en la cadena, nos otros y yo incluso nos niegavamos a reconocer la organización exterior del Partido. En estas condiciones esta era también una posición liquidacionista. En 1943 yo hej sido elito ^{por la primera vez,} para el Comité Central y como tenía una posición de no reconocer la organización del Partido fuera de la cadena no hej tomado conocimiento de mi elección al

6 113

Comité Central, cuando yo me encontraba a la cárcel. En 1945 ha venido la amnistía bajo la presión de las masas y yo, después de haber cumplido 7 años de la sentencia del Tribunal de Seguridad, he sido libertado. Luego ^{he} entrado en ligación con el Partido y he procurado hacer autocritica de mi posición anterior, pero tenía muy poca ideología para hacerla como la debía. En 1945 he sido elegido deputado al Parlamento. Nuestro Partido seguía entonces una línea de colaboración de clases y nuestro C. C. ha ^{seguido} ~~perseguido~~ el revisionismo del marxismo. Por ^{falta de ideología} era aún muy difícil para mi ~~de aceptar~~ ^{sentir} estos errores. Pero en 1947, he sido cooptado para el Bureau Político. En 1948 he trabajado en el secretariado del C. C. como ^{su} secretario de propaganda y he seguido así hasta 1949, cuando he sido trasladado a San Pablo a la cabeza del comité Regional. En 1950, cambiamos de orientación y hemos ido a la izquierda con el Manifiesto de agosto. En consecuencia yo, que estaba íntegramente de acuerdo con el Manifiesto de agosto, he aplicado en San Pablo una orientación de izquierda, pero algunas veces



Notas

¹ Para este artigo, atualizamos as informações sobre a trajetória de Marighella que estão originalmente na dissertação: “Vai, Carlos, ser Marighella na vida”: outro olhar sobre os caminhos de Carlos Marighella na Bahia (1911-1945), defendida em 2017 na Universidade Federal da Bahia.

² Embora Marighella tenha escrito no poema *Canto para o ababaque* que sua avó fosse “nega haussá” e que viera da África, é improvável que de fato ela fosse africana, considerando que em 1850 findou o tráfico negreiro no Brasil, o que fez diminuir drasticamente a chegada de africanos escravizados. Assim, o mais provável é que sua avó tenha sido escrava, mas nascida em solo brasileiro, sendo, então, os bisavós de Marighella os que foram trazidos da África. Quanto a isto, temos em perspectiva, inclusive, o ano de nascimento de Maria Rita Marighella (1888). Caso a avó de Marighella tivesse nascido na África, sido escravizada e em seguida trazida ao Brasil, ela teria dado a luz a Maria Rita no mínimo aos trinta e oito anos, se supormos que ela tenha chegado ao País recém-nascida. MARIGHELLA, Carlos. *Poemas: Rondó da Liberdade*. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 64.

³ Embora seu estudo esteja centrado nas décadas de 1940 e 1950, Milton Santos aborda as transformações espacial, populacional e comercial de Salvador ao longo dos séculos, por isso entendemos ser possível utilizar tal referência sobre a década de 1920 sem o receio de estarmos sendo anacrônicos.

⁴ O Ginásio da Bahia era a única escola de ensino pública do estado da Bahia voltada para o acesso ao ensino superior. Dessa forma, excluímos da análise as Escolas Normais e as de ofícios.

⁵ Sobre o nome e a sigla do Partido Comunista do Brasil é importante salientar que o PCB, fundado em 1922, decidiu em seu V Congresso, realizado em 1960, mudar seu nome para Partido Comunista Brasileiro, porém, permanecendo com a mesma sigla. Em 1962, antigos dirigentes e militantes do PCB, criaram um novo partido, restaurando o antigo nome, Partido Comunista do Brasil, porém, com a sigla PCdoB.

⁶ Exemplos da Revista Problemas podem ser localizados no Arquivo de Memória Operária do Rio de Janeiro, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, ou no *site* https://www.marxists.org/portugues/tematica/rev_prob/capas.htm

⁷ Clara Charf nasceu em Maceió-AL, no ano de 1925. Começou a militar no PCB em 1945, e no ano seguinte passou a trabalhar como secretária da bancada comunista na Câmara dos Deputados. Neste ano, conheceu Carlos Marighella, deputado federal à época, tornando-se sua companheira desde então. Charf e Marighella permaneceram juntos até a morte do comunista.

⁸ Não tivemos acesso ao original da *Revista Front*, porém, uma cópia do periódico, que contém a última entrevista de Marighella, publicada em novembro de 1969, foi anexada ao prontuário policial do comunista. *Doc. 3208/80* - Serviço Nacional de Informações. Arquivo Nacional. Notação: ASP_ ACE_3208_80. Rio de Janeiro.

⁹ Jacob Gorender nasceu em Salvador – Bahia, em 1923. Cursou Direito na década de 1940 e ingressou no PCB em 1942. Lutou na Segunda Guerra Mundial e após deixar o PCB durante a ditadura civil-militar fundou, junto com Mário Alves e Apolônio de Carvalho, o PCB (Partido Comunista Brasileiro Revolucionário). Historiador e jornalista, Gorender escreveu alguns livros importantes, dentre eles, *Combate nas Trevas* em 1987. Faleceu em 2013, aos 90 anos.

¹⁰ Pesquisamos no periódico *Voz Operária*, que está disponível na Hemeroteca Digital, possíveis informações da viagem de Marighella entre 1953 e 1954. Seria importante também pesquisar em outro periódico do PCB, *A Classe Operária*, porém neste período só há uma edição disponível no site da Fundação Maurício de Grabois, que possui grande parte do acervo do jornal digitalizado.

¹¹ Traduzido por Ricardo José Sizilio.

¹² O texto de sete páginas foi numerado por Marighella, por isso, ao término de cada página indicaremos sua numeração. Assim, esta nota indica o fim da página 1.

¹³ p. 2.

¹⁴ p. 3.

¹⁵ p. 4.

¹⁶ p. 5.

¹⁷ p. 6.

¹⁸ p. 7.

¹⁹ Sobre os processos contra Marighella na Escola Politécnica, Cf. SIZILIO, 2017.

Fontes

- BRASIL. Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio. Diretoria Geral de Estatística. Recenseamento do Brasil. *Censo Demográfico 1920*. Vol. IV (4ª parte). Rio de Janeiro, 1929.
- CISÃO no comunismo brasileiro. *Tribuna da Imprensa*. Rio de Janeiro, 05 fev. 1952. p. 1-10. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 16 ago. 2018.
- DIVERGIRAM de Prestes. *A Noite*. Rio de Janeiro, 04 fev. 1952. p. 6. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 16 ago. 2018.
- DOC. 3208/80 - Serviço Nacional de Informações. Arquivo Nacional. Notação: ASP_ACE_3208_80. Rio de Janeiro
- CHARF, Clara. *Entrevista concedida à Edson Teixeira da Silva Júnior*. In SILVA JÚNIOR, Edson Teixeira da. *Carlos: a face oculta de Marighella*. 332 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Severino Sombra. Programa de Pós-Graduação em História. Vassouras, 1999.
- GORENDER, Jacob. “Recordações de um companheiro”. In NOVA, Cristiane e NÓVOA, Jorge (Org). *Carlos Marighella: o homem por trás do mito*. São Paulo: UNESP, 1999.
- HISTÓRICO das atividades políticas de Carlos Marighella (1969): Prontuário Carlos Marighella. Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro. Fundo: Divisão de Polícia Política e Social - DPS. Rio de Janeiro.
- MARIGHELLA, Carlos. *Autobiografia*. Manuscrito em espanhol. 7 f. 1954. Arquivo Estatal de História Política e Social da Rússia (RGASPI). Moscou-Rússia. (*tradução nossa*)
- MARIGHELLA, Carlos. “Trabalhar nos sindicatos: uma de nossas tarefas fundamentais”. *Voz Operária*. Rio de Janeiro, 24 jan. 1953. p. 1.
- _ MARIGHELLA, Carlos. *Por que resisti a prisão*. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense; Salvador: Edufba: OLODUM, 1995.

Referências Bibliográficas

- ALBERTI, Verena. “LITERATURA E AUTOBIOGRAFIA: a questão do sujeito na narrativa”. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 4, n. 7, 1991.
- AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes (Org). *Usos e abusos da história oral*. 8ª Ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.
- CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas: o imaginário da República do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- FALCÃO, Frederico José. *Os homens do passo certo – O PCB e a esquerda revolucionária no Brasil (1942- 1961)*. São Paulo: Editora José Luis e Rosa Sundermann, 2012.
- LEVI, Giovanni. *Usos da Biografia*. In AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes (Org). *Usos e abusos da história oral*. 8ª Ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p. 167-173.
- GOMES, Ângela de Castro. *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

JOSÉ, Emiliano. *Carlos Marighella: O inimigo número um da Ditadura Militar*. São Paulo: Editora Casa Amarela, 2004.

LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. Tradução Jovita Maria Gerheim Noronha; Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

MAGALHÃES, Mário. *Marighella: o guerrilheiro que incendiou o mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

MARIGHELLA. Direção: Isa Grinspum Ferraz. Brasil, 2012. (100 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7Mw386dVhcY> Acessado em 02 set. 2018

NOVA, Cristiane e NÓVOA, Jorge (Org). *Carlos Marighella: o homem por trás do mito*. São Paulo: UNESP, 1999.

SANTOS, Milton. *O centro da cidade do Salvador: Estudo de Geografia Urbana*. 2ª Ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Salvador: Edufba, 2008.

SARLO, Beatriz. *Tempo Passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. Trad. Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.

SILVA JÚNIOR, Edson Teixeira da. *Carlos: a face oculta de Marighella*. 332 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Severino Sombra. Programa de Pós-Graduação em História. Vassouras, 1999.

SIZILIO, Ricardo José. *“Vai, Carlos, ser Marighella na vida”*: outro olhar sobre os caminhos de Carlos Marighella na Bahia (1911-1945). 332 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Salvador, 2017.